

O HOMEM, O SONHO E A TERRA: COMENTÁRIOS SOBRE OS DESENHOS DA SÉRIE “O HOMEM PERMANECIDO”

Luiz Rodolfo Annes¹

Resumo: Este artigo, faz parte da pesquisa realizada atualmente em meu doutorado e traz alguns comentários sobre a série de desenhos “O Homem Permanecido”, que vem sendo desenvolvida ao longo dos últimos 24 anos de minha produção em artes visuais. Os desenhos em pequeno formato revelam, em linhas econômicas e diretas, uma figura masculina solitária em meio a uma paisagem inóspita e deserta. Em uma narrativa fragmentada, na qual início, meio e fim não seguem uma ordem cronológica, acompanhamos o personagem na sua jornada de cura contra uma doença: uma fome que nada sacia. Ele busca na paisagem o seu alimento.

Palavras-chave: Desenho; Paisagem; O Homem Permanecido.

THE MAN, THE DREAM AND THE EARTH: COMMENTS ON THE DRAWINGS FROM “THE REMAINING MAN” SERIES

Abstract: This article, as part of a current research conducted in my doctorate, brings some comments on the series of drawings “The Remaining Man”, which has been developed over the last 24 years of my production in visual arts. The small format drawings reveal in their economical and direct lines a solitary male figure in the midst of an inhospitable and deserted landscape. In a fragmented narrative where beginning, middle and end do not follow a chronological order, we follow the character on his journey *for healing from an affliction—an insatiable hunger. He searches the landscape for his nourishment.*

Keywords: Drawing; Landscape; The Remaining Man.

¹ Bacharel em Pintura pela EMBAP. É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cinema e Artes do Vídeo (linha de pesquisa: *Processos de Criação*) da Universidade Estadual do Paraná. Atualmente, é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (linha: *Processos de Criação*) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Professor colaborador na Universidade Estadual de Ponta Grossa.
<http://lattes.cnpq.br/8062317405583516>
<https://orcid.org/0000-0001-9558-5993>
 e-mail: lrannes7@hotmail.com

Introdução

O desenho é perigoso. O desenho é um jorro de catarro. O desenho é uma armadilha. O desenho é a baba de um anjo. O desenho é abrigo. O desenho é urgência.

Em minha produção o desenho assume papel protagonista que se expande e se desdobra para outras mídias e suportes como: tapeçaria, animação, vídeo game, quadrinhos. Nessa extensa produção o desenho em pequeno formato ganha destaque. É no suporte reduzido que encontro a possibilidade de comunicar e narrar diferentes histórias dos mais variados personagens. Destacando-se entre eles homens, cachorros, marcianos, meninos, vampiros entre tantos outros. Mas, como definir o desenho nos tempos atuais. Pergunto-me: - O que é um desenho? E imediatamente me vem a lembrança de um texto de Paulo Herkenhoff acerca da obra de Louise Bourgeois. Herkenhoff inicia *Linhas da vida, o desenho de Louise Bourgeois* com uma questão: O que é um desenho? A estrutura do texto se faz repetindo a pergunta várias vezes e com diferentes respostas dadas através do diálogo com a obra da artista. Entre as respostas, temos: o desenho como capacidade de dizer não, o desenho como forma de se acercar do indizível, como forma de lembrar, como capilaridade do desejo, como insônia, como percurso, como presentificação. Para concluir, Herkenhoff repete a pergunta: O que é um desenho? E responde: É uma imensidão. Com esse percurso feito ao longo do texto, com a mesma pergunta e diferentes respostas, até sua conclusão, podemos pensar o desenho contemporâneo como essa imensidão de possibilidades. Uma questão com uma resposta aberta, que abriga inúmeras opções materiais e conceituais. O desenho como imensidão é uma ideia que define o meu pensamento que tem no desenho a prática essencial de sua produção.

Podemos perceber claramente esse conceito de desenho como imensidão ao olharmos para produção contemporânea onde o desenho ganha status de linguagem autônoma. O desenho pode ser visto desde da forma mais delicada seja nos bordados de Leonilson ou monotipias de Mira Schendel até a ações e projetos que ocupam o espaço como as caminhadas de Francis Alys em que com uma lata de tinta furada atravessa fronteiras deixando um rastro pelo percurso, acionando assim, uma linha que se constrói no espaço ou artistas que trabalham com projetos de ocupação de espaço como Edith Derdyk e Regina

Silveira. O desenho ocupa os muros das cidades nos grafites, está nas galerias, nos impressos. O desenho hoje se abre para uma imensidão de possibilidades.

O desenho faz parte de meu cotidiano há alguns anos, como parte de um processo que se iniciou no final dos anos 90, quando ingressei no bacharelado em Pintura na Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Algumas características dessa técnica me interessam até hoje, como a rapidez de apreender algo antes que se perca, a mobilidade – posso realizar os desenhos em qualquer lugar – e a simplicidade dos materiais.

O desenho para mim aproxima-se da escrita. Texto e desenho formam um corpo único, em que ambos se complementam. A escrita (desenho – texto) não sugere lugares fixos, e sim funciona como portais para lugares imaginados, onde experimentamos diversos sentimentos e onde encontramos seres e situações desconcertantes.

Desenhar é como tomar notas, fazer registros de instantes únicos. Minha produção de desenho se dá na grande maioria em pequenos formatos, que remetem à anotação ordinária do dia a dia. Coloco-me como um viajante, um peregrino que vaga por terras desconhecidas e deixa relatos daquilo que viveu, sentiu, imaginou. Percebo o desenho como vestígios de um caminhante que tateia o mundo interior e exterior, trazendo suas impressões, vivências, sentimentos no contato com o outro – seja esse outro o duplo, o estranho, a paisagem, o monstro, o marciano, a batata.

O Homem Permanecido

No final dos anos 2000, iniciei uma série intitulada “O Homem Permanecido”, que vem se desdobrando e sendo ampliada ao longo dos anos, até os dias de hoje. A série traz um personagem masculino que vaga solitário pela paisagem. A série “O Homem Permanecido” tem como elemento central a relação do sujeito com a terra. Um encontro de corpos em um movimento ritual e erótico, no qual o personagem busca construir seu ninho abrigo para se proteger das ameaças exteriores. O reflexo no espelho, a dor, a fome e a febre que não cessa. Ele, sem palavras, adentra a noite. Uma noite feita de perigos e delírio.

O título dessa série vem de um poema de Adélia Prado, que havia lido há anos. À época, algo nele me tocou. Eu já tinha alguns desenhos e assim os nomeei para manter a

referência ao poema. Havia algo nele que me tocou na época em que o li, já faz alguns anos. Os desenhos da série “O Homem Permanecido” inicialmente falavam de um homem solitário que caminha e está em contato com a paisagem a sua volta e se ligam a descrição feita no poema de Adélia Prado:

O Homem Permanecido
Era uma vez
uma venta fremente e um duro queixo.
Era uma vez um pisado de levantar pedra e poeira.
O que chamam de morte devastou com as narinas, o maxilar,
o dorso dos pés e sua planta.
Sobrou um gesto reto no espaço, a freminência,
um modo de passos e voz.
Eu lembro coisas que acontecerão:
era uma vez um homem que está rijo e cantante,
sem o espírito e a lei da gravidade,
alegre de nenhuma ameaça.
(Prado, 1991, p. 119).

Na sua jornada de busca pela cura de sua doença, ele se une à terra, em um encontro erótico no qual um se conecta ao outro. Ele caminha, dorme, baba, sonha em ciclos repetitivos. Os desenhos são construídos por uma linha sutil e delicada como podemos observar na figura 1, nela vemos a presença de um homem solitário em meio a folhas que envolvem o seu corpo impedindo seu movimento. O desenho todo é feito por meio de linhas finas de nanquim sobre papel. O desenho tem uma grande capacidade de síntese, com poucas linhas e poucos elementos constrói-se uma cena carregada de narrativas e significados.

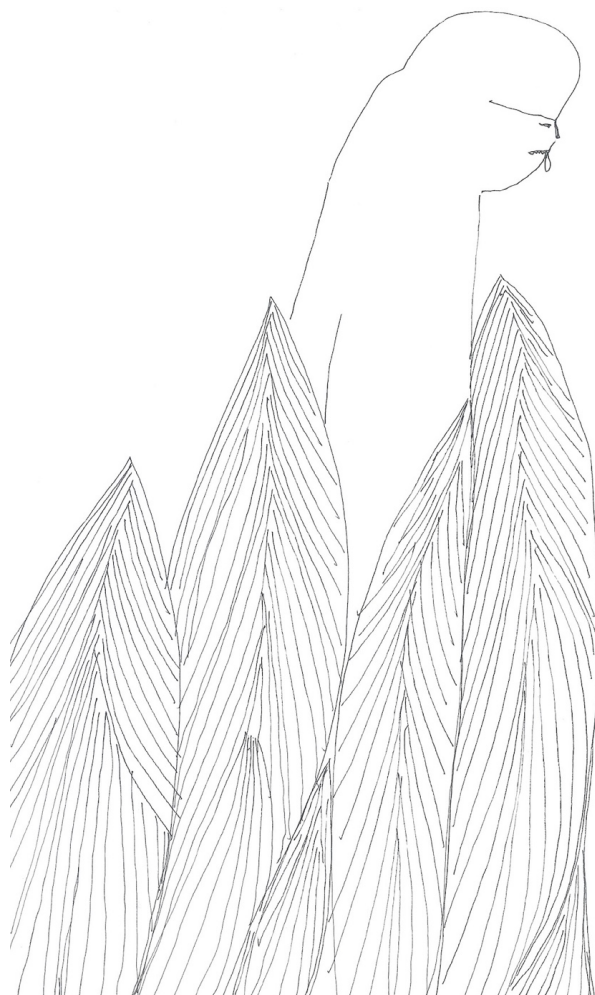


Figura 01- autor, O Homem Permanecido, 2023, nanquim sobre papel, 22,3 cm altura x 14 cm largura.

As narrativas presentes nos desenhos escapam da ordem cronológica: fogem ao tradicional começo-meio-fim, que tem como lógica um encadeamento linear. Assim as define Katia Canton:

As narrativas enviesadas contemporâneas também contam histórias, mas de modo não linear. No lugar do começo-meio-fim tradicional, elas se compõem a partir de tempos fragmentados, sobreposições, repetições, deslocamentos. Elas narram, porém não necessariamente resolvem as próprias tramas. (Canton, 2009, p. 15)

Nas minhas narrativas, assume-se a lógica do sonho, na qual o percurso dos personagens é imprevisível e as construções narrativas se dão por discontinuidades. Podemos ver uma descrição da lógica dos sonhos em Sidarta Ribeiro:

Apesar de refletir as preocupações do sonhador, o curso do sonho é quase imprevisível. A lógica dos eventos é fluida e errática em comparação com a realidade. A sucessão de imagens se caracteriza por descontinuidades e cortes abruptos que não experimentamos na vida desperta. Nos sonhos um personagem ou lugar pode se transformar em outro com incrível naturalidade, revelando o poder de transmutação das representações mentais. O encadeamento entrecortado dos símbolos determina um tempo caracterizado por lapsos, fragmentações, condensações e deslocamentos, gerando camadas de significados múltiplas e até mesmo díspares. O arco de possibilidades do sonho é vastíssimo, beirando o insólito, o inverossímil e o caótico. (Ribeiro, 2019, p. 14)

Podemos observar na sequência de figuras, 2,3 e 4 as narrativas enviesadas onde o começo, meio e fim não se definem claramente. Da mesma maneira podemos perceber como os desenhos utilizam a lógica do sonho como construção de sentidos que nos escapam.

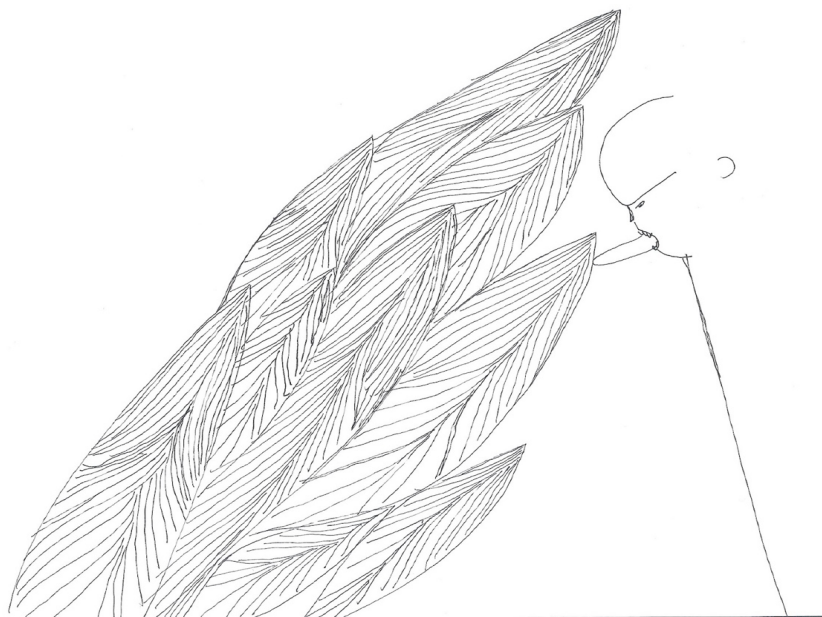


Figura 02- autor, O Homem Permanecido, 2023, nanquim sobre papel, 17,8 cm altura x 21,9 cm largura.



Figura 03- autor, O Homem Permanecido, 2023, nanquim sobre papel, 21,4 cm altura x 15,6 cm largura.

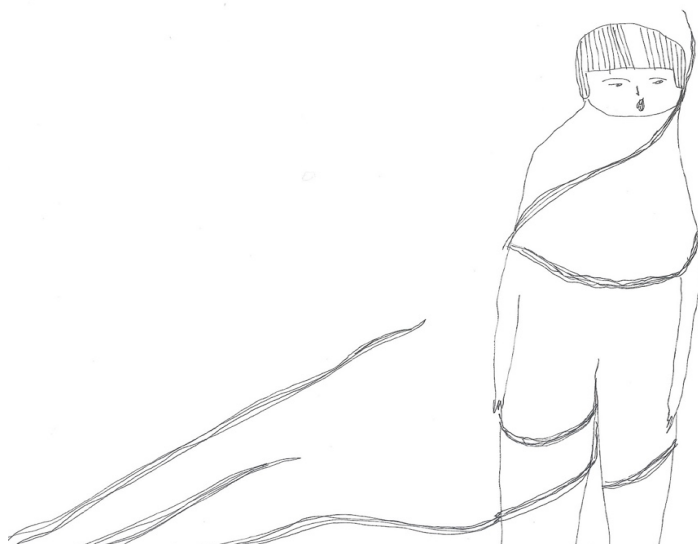


Figura 04- autor, O Homem Permanecido, 2023, nanquim sobre papel, 17 cm altura x 26 cm largura.

Nos meus desenhos, não busco um virtuosismo ou o “desenhar bem”. Entendo o desenho enquanto errância, como nos coloca Diego Rayck em *Desenho como bruxaria*:

E errar é outro verbo importante ao se desenhar como bruxaria. Movido pela pretensão, este tipo de desenho conduz ao erro, seja como método e processo, seja como paradeiro. Um desenho propenso ao desencontro, ao desvio, à deriva, à vadiagem, ao engano e à ruína. Às vezes uma forte indolência aparece justificando esta errância e o ato de desenhar parece realmente deixar o barco seguir a corrente. Mas ela ocasionalmente também é uma compensação de humor: resultado de um esgotamento ou de uma dissimulada frustração, ambos proporcionais à pretensão e à paixão por desenhar. Desenhar errante é algo urgente, que despreza a excessiva relevância que o senso comum atribui ao “desenhar bem”, ao “desenhar certo” – juízos que só consideram possível desenhar com resolução e esclarecimento. E a ideia de desenhar construtivamente com otimismo e nobreza já soa como um erro. (RAYCK, 2011, p. 202)

Podemos observar na figura 5, e nas demais aqui apresentadas, o desprendimento da boa forma do desenho ou do que seria concebido como um “bom desenho”. A minha opção é um desenho livre e criativo, mas que mantém a precisão e a síntese. Não utilizo recursos como luz e sombra ou o realismo para minhas criações. O desenho para mim se assemelha a escrita de algo que se não for urgentemente fixado se perde. O desenho para mim aproxima-se da escrita. Texto e desenho formam um corpo único, em que ambos se complementam. É no espaço vazio, nas fendas e fronteiras entre desenho e texto, que se pode realmente conectar imagem e palavra e caminhar no sonho. Desenhar, para mim, é como tomar notas, fazer registros de instantes únicos.



Figura 05- autor, O Homem Permanecido, 2023, nanquim sobre papel, 21 cm altura x 15 cm largura.

Pergunto-me: por que escrevo e desenho? Por que a insistência nesses gestos? Na verdade, não sei ao certo por quê. Nesse sentido, aproximo-me do relato feito pela escritora Marguerite Duras. Para ela, a escrita é cercada de interrogações que não se respondem. “Posso dizer o que quiser, mas jamais vou saber por que escrevemos e como não escrevemos.” (Duras, 2021, p. 28). Mesmo sem saber por quê, escrevo e desenho. Sei que há nesses gestos a possibilidade de uma voz que nunca encontrei em outro lugar. Uma voz única que atravessa meus silêncios. Desenhar e escrever é criar armadilhas para corações selvagens. É criar novas rotas fora dos mapas para guiar os perdidos.

Lendo os relatos de Duras sobre seus processos de escrita, identifico-me com suas palavras e percebo-me em uma contradição, pois ao mesmo tempo que escrever e desenhar

são possibilidades de uma voz, são também um não falar. “Escrever é também não falar. É se calar. É berrar sem fazer ruído.” (Duras, 2021, p.38). Geralmente habito a solidão e nesse lugar as coisas são construídas nessa dualidade voz e silêncio. A solidão do artista se faz como condição necessária para criação. Percebo aqui, escrevendo essas palavras, que silêncio e solidão perpassam muitos de meus textos e desenhos. Como para Duras, percebo a solidão como lugar em que a escrita se desenvolve. “Estamos sozinhos mesmo em nossa própria solidão. Sempre inconcebível. Sempre perigosa. Sim. Um preço a se pagar por ter a ousadia de gritar.” (Duras, 2021, p. 42).

A escrita e o desenho são relatos de vida. Daquilo que vivo e sonho, mas me afasto do caráter autobiográfico. O que faço é criar ficções a partir do cotidiano, do ordinário de cada dia, buscando revelar o eterno naquilo que perece. Escrita e vida são imbricadas, como nos diz Duras: “A escrita chega como o vento, é nua, é de tinta, é a escrita, e passa como nada mais passa na vida, nada mais exceto ela, a vida.” (Duras, 2021, p. 64). Desenho e escrita são vestígios, rastros deixados por mim enquanto artista que observa o mundo a sua volta e registra eventos, lugares e pessoas. A minha escrita através de desenhos e textos busca, no vivido e no sonhado, elementos para a criação de narrativas, que são experiências de olhar o cotidiano e a partir dele criar ficções. Não há interesse no autobiográfico ou no confessional. O vivido torna-se material para as criações, mas, em vez de pensar em uma confissão, adoto a ideia de conficção, partindo da leitura que Rodrigo Garcia Lopes faz a respeito da poesia de Sylvia Plath:

Sylvia Plath não se limita a usar em sua poesia material autobiográfico em estado bruto. Seus poemas são um delírio lapidado por um método. Restringir a leitura de seus poemas ao que a vida da poeta teve de trágico e curioso é desprezar seu método de escrita, que tinha, como um de seus paradigmas, o controle absoluto sobre a linguagem... O material autobiográfico, ou mesmo as referências históricas, são sempre represados e filtrados pelo equilíbrio e artesanato furioso que Plath manipula sua emoção. São usados na medida em que se encaixam em seu repertório poético (Lopes, 1994, p. 119-120).

Outra artista que utiliza o material biográfico em suas obras é Louise Bourgeois, mas de maneira crítica e sem falar diretamente de sua vida pessoal, como observa Tania Rivera:

Não se trata de subjetivismo acrítico em Louise Bourgeois. Ela recusa-se a falar diretamente de sua vida pessoal (“Não gosto disso”, diz em entrevista de 1976). Sua obra não é seu retrato fiel, mas distorção, “reconstrução de um passado”,

exploração da linguagem, do objeto e da imagem de modo a fazer outra coisa, fora dela mesma. Entre sua vida, suas “disposições pulsionais” e suas obras, não se trata de encontrar fortes fios à espera de serem trançados em um tecido resistente (e capaz de tudo encobrir). Mesmo o que se apresenta como clara declaração pode se revelar um fio roído. A tessitura talvez esteja prestes a se desfazer, sua trama não é linear e mostra buracos, rasgos e remendos (Rivera, 2014, p. 190).

Além do discurso da artista sobre sua obra, os desenhos de Louise Bourgeois são uma fonte de referência nas minhas criações. A atmosfera onírica, a narrativa fragmentada são elementos que encontro em minha produção de textos e desenhos.

Os limites entre vivido e sonhado não são definidos claramente em minha escrita e desenhos: as fronteiras entre eles se assemelham mais a uma trama do que a linhas de divisão. Tal aspecto traz similaridades e proximidades com a obra do artista José Leonilson, que, em seus desenhos, pinturas e bordados, inseria dados e referências pessoais misturados à ficção. Nos seus desenhos e bordados encontramos uma figura masculina em traços simplificados e palavras escritas, aludindo à dualidade entre verdade e ficção.

Criar ficção não é pura mágica: é preciso sensibilidade e conexão com o entorno, estar atento à vida que pulsa nas diferentes formas. A escritora polonesa Olga Tokarczuk nos relata sobre seu processo de criação, sobre esse embate que se relaciona com meus processos criativos de escrita:

Produzo ficção, mas nunca é um coelho tirado da cartola. Quando escrevo, tenho de sentir tudo dentro de mim. Tenho de deixar que me atravessem todos os seres e objetos presentes no livro, todo humano e não humano, vivente ou não dotado de vida. Tenho que examinar cada coisa e cada pessoa de perto, com a maior seriedade, e personificá-las dentro de mim. É para isso que preciso do sensível. A sensibilidade é uma arte da personificação, empatia, ou seja, uma busca constante por semelhanças. A narração é uma infinita vivificação, doação de existência a todas as migalhas do mundo, que são experiências humanas, situações enfrentadas, recordações. A sensibilidade personaliza tudo a que se refere, deixando que isso ganhe uma voz, ganhe um espaço e um tempo para existir e se expressar. (Tokarczuk, 2023, p. 257-258).

Vejo as coisas com urgência. Urgência de fixar algo antes que se perca. Urgência da vida diante da morte, da finitude. Porém também há suavidade e lentidão nos processos de escrita e desenho. Nesse tensionamento de tempos e velocidades, surge a necessidade de contar histórias. Tokarczuk comenta algumas proposições feitas pelo escritor George Orwell

no seu livro *Por que escrevo*. Ali Orwell define quatro principais motivos que nos levam a escrever. Na transcrição realizada pela autora, o segundo motivo por que escrevemos está relacionado a um impulso histórico, que nos levaria a relatar os acontecimentos “como são”. Tokarczuck (2023, p. 121) coloca: “é nesse momento que sobressai a ‘necessidade de dar testemunho’ e ordenar a linguagem, aquilo que, de outra forma se desvanecerá, será perdido”. Penso que em minha escrita também há a necessidade de testemunho de fixar algo que será perdido, mas, diferentemente de Orwell, não penso em um impulso histórico, e sim na necessidade individual de criar ficções a partir do mundo a minha volta e seus acontecimentos. Há, com esse corpo/desenho/escrita, a constante presença de um imaginário que, a partir do cotidiano, da repetição de gestos (o próprio gesto do desenho e da escrita que se repete) e das banalidades comuns a todos os seres humanos, revela uma preocupação em fixar o instante criativo, a marca do delírio. O desenho é uma urgência, um pensamento que se perde se não é fixado.

A escolha pelo desenho em pequeno formato é essencial no meu projeto artístico. O corpo frágil do papel nos fala da fragilidade da própria condição humana, evidenciando a precariedade do ser. Busco uma forma de arte que se entrelace com a vida. Sou a favor de uma arte de gestos mínimos. Desenhar é lançar-se no abismo branco do papel. A linha desafia esse espaço vazio para deixar nele sua marca, e o traço cria elementos, figuras, paisagens interiores e exteriores, corpos solitários ou amontoados. O que me interessa nesse projeto é a ideia do desenho como vestígio de uma passagem. Podemos observar na figura 6 o desenho em pequeno formato que traz as características de fragilidade e delicadeza no suporte e na imagem de um homem solitário em meio a paisagem.

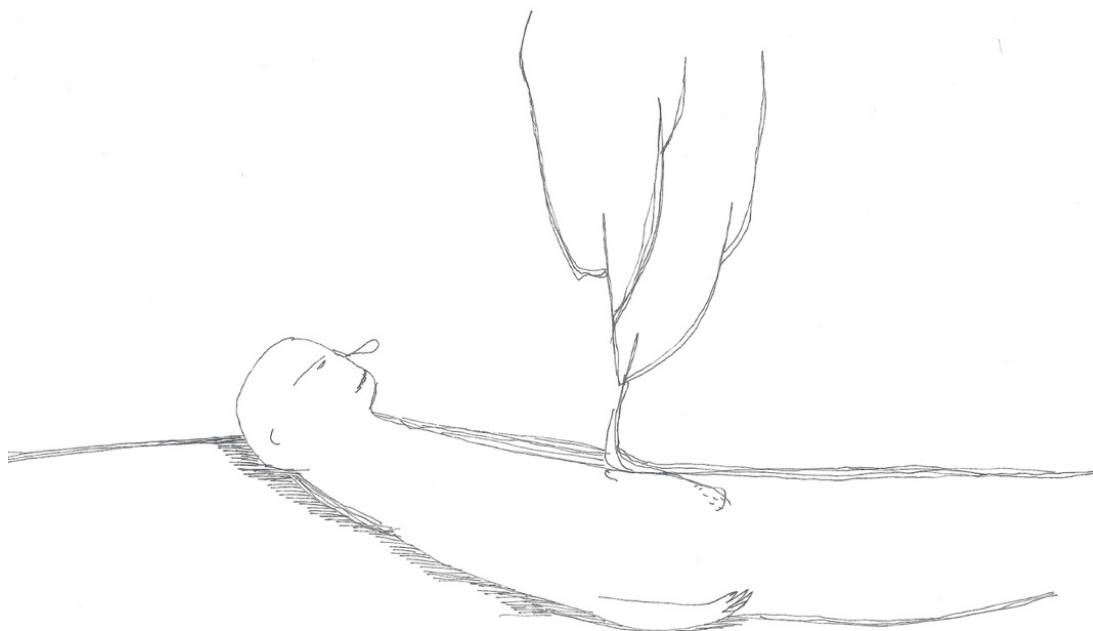


Figura 06- autor, O Homem Permanecido, 2023, nanquim sobre papel, 15,7 cm altura x 24,9 cm largura.

Considerações finais

Desde os anos 90 o desenho vem se destacando como linguagem autônoma, na produção de muitos artistas. Para alguns como linguagem principal de suas produções e em outros como parte de suas experimentações. Muitas possibilidades materiais e conceituais se abrem aos artistas hoje inseridos na arte contemporânea. O desenho há muito tempo deixou de ser um lugar apenas de esboço preparatório para outras linguagens como pintura e escultura. Podemos perceber ao nos perguntar O que é um desenho? Que a pergunta permite uma imensidão de respostas como nos propõem Paulo Herkenhoff em seu texto sobre a obra de desenho de Louise Bourgeois. O desenho é realmente uma imensidão. Em minha produção ele assume destaque. Os desenhos da série “O Homem Permanecido” trazem à tona questões sobre a relação entre artes visuais e literatura, o humano em relação a paisagem enquanto corpos que se relacionam. O corpo frágil do papel que nos fala da delicadeza da própria condição humana, evidenciando a precariedade do ser. O Homem Permanecido em seus

relatos nos coloca: - Eu prosseguia, arrastando o silêncio. Triste. Somos pássaros engendrando dúvidas. Na manhã ganimos e raspamos o que sobrou de sangue nos cacos do espelho. Cavo. Com minha pele flácida, quero cobrir o mundo. Minha boca mastigando os calmantes. Meu coração devagar dorme. A lesma dorme em minha boca esperando seu despertar. Sigo a jornada. Sentimentos confusos. Nunca mais. Nunca mais duvido do amor. Sua voz amplifica a narrativa visual apresentada nos desenhos. Narrativas que escapam ao começo-meio-fim tradicionais para abrir possibilidades e caminhos no sonho.

Referências

CANTON, K. **Narrativas enviesadas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. Coleção Temas da arte contemporânea.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Trad. Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

LOPES, R. G. In: PLATH, S. **Poemas**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

RAYCK, D. *Desenho como bruxaria*. In: DIAS, Aline (Org.). **Cadernos de desenho**. Florianópolis: Corpo Editorial, 2011.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIVERA, Tania. **O avesso do imaginário: arte contemporânea e psicanálise**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TOCARCZUK, Olga. **Escrever é muito perigoso: ensaios e conferências**. Trad. Gabriel Borowski. São Paulo: Todavia, 2023.

Recebido em 25/02/2025
Aceito em 03/06/2025